



REPENSANDO A ECONOMIA AFRICANA

Maurício Waldman



**EDITORIA KOTEV
AFRICANIDADES 4**

REPENSANDO A ECONOMIA AFRICANA ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Em memória a Antônio Lúcio Nogueira (1945-2015), campeão do jornalismo negro brasileiro.

A atual projeção econômica da África na economia mundial solicita compreensão mais apurada de especificidades matriciais presentes no dinamismo da economia africana, absolutamente indispensáveis nos debates sobre o continente.

Ademais, em meio às comemorações do Dia da África, é importante identificar as estacas objetivas que permitiram ao continente resistir a uma heterogênea coleção de turbulências sociais, políticas e econômicas.

Neste contexto, uma premissa essencial é o potencial substantivado pela economia informal, reportando a inflexões do mundo tradicional. Configurando lógica diferente da que rege o modelo econômico ocidental, foi o circuito econômico informal que permitiu à África encontrar força e esperança para alcançar dias melhores.

Na ausência da retaguarda materializada na economia informal, seria difícilimo compreender as razões que, a despeito de tantas vicissitudes, permitiram à África se empossar de um novo, e promissor, papel na economia global.

Disto decorre que a avaliação da presença da informalidade no plano econômico não pode ser omitida. Neste seguimento, se impõe uma rodada de notas pontuais relacionadas com o universo da economia continental e as formas singulares que esta assume no cotidiano africano.

Preliminarmente, atente-se que a própria nomenclatura *informal* já alimentou acesos debates no campo das ciências sociais. Ainda que a terminologia *economia informal* tenha se consolidado na bibliografia dedicada ao tema ³, um manifesto estigma de negatividade, desdobramento da contraposição que se estabelece com a esfera da *economia formal*, parece impregnar a reputação do conceito.

Contudo, será visto que a economia informal pode respaldar noções calcadas na positividade, e mais ainda, a importante função que exerce nos circuitos da economia formal, inclusive em termos de uma interlocução objetiva com essa.

Nesta ordem de considerações, reconheça-se que na economia africana, a relevância da informalidade sugere uma exposição tanto do papel desempenhado na economia continental quanto, em paralelo, reparos críticos sobre a percepção construída pela literatura técnica de índole macroeconômica.

Neste âmbito, as metodologias usuais de análise nem sempre são as mais eficazes para discernir os motes que mobilizam os atores que interagem na esfera econômica africana.

Deve-se reter que a África contemporânea primou pelo crescimento exponencial do setor informal. Isso a ponto de se tornar dominante em muitos segmentos da própria economia urbana.

É o que registram pesquisas ameadadas em diferentes países. A partir dos anos 1980-1990 do século passado, relatórios oficiais sobre a força de trabalho no meio urbano indicam que entre 60 a 70% da população ativa do continente insere-se em ocupações informais.

Mais: em nações como Benin, Serra Leoa, Zâmbia e Tanzânia, os números podem ultrapassar a marca dos 90%. Mesmo em países-chave como a Nigéria, quase 60% do Produto Nacional Bruto decorre de iniciativas do circuito informal da economia (Cf. Figura 1).

Assim, dos pequenos ofícios exercidos nos mercados populares numa ponta, aos imprescindíveis insumos e bens destinados para a economia formal na outra, a vitalidade da economia “opaca” salta aos olhos até mesmo do observador leigo.

Para tanto, basta apreciar a paisagem urbana dos países da África ao Sul do Saara, pródiga em imagens cinemáticas do vigor da “economia paralela”.

A saber: são mulheres com seus tabuleiros vendendo de tudo; prestadores de serviço que se instalam em qualquer recanto das ruas; pequenos estabelecimentos que vendem de miudezas a máquinas industriais; vendedores ambulantes especializados em oferecer um produto e assim por diante.

Deste modo, a cidade africana transparece como uma verdadeira Babel cujo fundo sonoro é o alarido dos comerciantes, o burburinho da clientela e o ruído de todo o tipo de veículos, que transitam em meio a pedestres e animais de carga.



FIGURA 1 - Oficina de reparos de bicicleta funcionando numa rua de Lagos, Nigéria. Atividades informais como esta, proporcionam o sustento de milhões de nigerianos, sendo imprescindíveis para o equilíbrio econômico e social deste país (Fonte: < <http://nigerianpilot.com/recognizing-the-place-of-informal-sector-workers/> >. Acesso: 27-07-2017)

Uma representação emblemática destas imagens seria o famoso Roque Santeiro, vasta e incomum feira informal de Luanda, na República de Angola. Cobrindo uma área equivalente a quinhentos campos de futebol, durante dezenove anos este mercado popular abasteceu milhões de angolanos.

O mercado Roque Santeiro cumpriu papel vital durante a guerra civil que assolou este país (1975-2002). Até encerrar suas atividades em 2011, consagrou-se como o maior mercado ao ar livre do continente africano e um dos mais procurados de todo o Planeta (Figura 2).

Operando com preços bem mais competitivos que os praticados pelos mercados oficiais, nos dias de maior afluência podiam ser contabilizados entre 100 mil a um milhão de frequentadores.

Dizia-se que no Roque Santeiro poderia ser comprado de tudo. Daí a voz do povo apregoar que “se não existe no Roque [Santeiro] é porque ainda não foi inventado”.



FIGURA 2 - Tenda de venda de sapatos no Roque Santeiro. A feira oferecia toda sorte de produtos, consumidas num extenso entorno geográfico, abrangendo Angola e cidades dos países vizinhos. O mercado não tinha nem água, nem luz. No entanto, esbanjava todo tipo de mercadoria. Serviços como de corte de cabelo, comida pronta, costura e reparos, embalavam também uma intensa vida social, como de praxe, aliás, sempre aconteceu nos mercados tradicionais e populares do continente (Fonte: < <http://ulissesmatandos.com/1991-2009/roque-santeiro/> >. Acesso: 27-07-2017)

No que também não admite contestação, uma portentosa gama de benefícios advém da operosidade a toda prova da economia informal. Vital para o dinamismo das trocas, a informalidade está na gênese da oferta de produtos e da certificação de preços.

Neste sentido, a patentear as relações variadas e complexas que articulam o setor formal e informal entre si, relatos técnicos datados de meados dos anos 1980 assinalam, por exemplo, que em Luanda os preços dos mesmos bens no mercado legal e no informal, respeitavam proporção constante, comparável às taxas de câmbio oficial e da troca livre de divisas estrangeiras.

Note-se que o peso da economia informal se verifica com influente intensidade nos marcos materiais de amplos setores das economias nacionais do continente. Veja-se

o caso da Nigéria, nação que por excelência polariza a economia dos países do Golfo da Guiné e alhures.

Pois bem: na Nigéria, a chamada “economia subterrânea” oferecia no fragor do novo milênio, emprego para 83% do pessoal ocupado na atividade manufatureira. Por sua vez, o quinhão da informalidade respondia por 69,1% da oferta de alimentos, tabaco e bebidas; 11,2% dos têxteis; 8,8% dos produtos de madeira. Mais: neste país, um percentual credível afiança que um naco de 38% do Produto Interno Bruto estão consorciados à economia informal.

Diante do exposto, caberia ponderar que a economia informal africana, mesmo não constituindo resposta integral a diversos problemas estruturais de fundo, constitui dado essencial à compreensão da resiliência do continente. Apenas esta razão seria suficiente para impedir que a informalidade fosse desqualificada nas avaliações dos especialistas.

Com base nesta evidência, torna-se plausível a elaboração de políticas públicas e diretrizes a subsidiar o setor informal, assegurando-lhe disponibilidade de crédito, oferecimento de programas de capacitação, adaptação tecnológica, estímulo aos pequenos negócios e expansão das cooperativas.

Nesta mesma linha de abordagem, retenha-se que os parâmetros econômicos clássicos encontram dificuldade para aferir a magnitude dos fluxos econômicos que transitam pela África. No geral assumidos como verdade única e subsidiados por modelos teóricos de interpretação estranhos às realidades locais, isto induz que indicadores como renda *per capita*, calculada em moedas fortes como o dólar, euro e o franco, demonstrem inadequação e frágil operacionalidade enquanto marco social e econômico.

De modo cabal, os parâmetros clássicos ressentem-se de limitações em situar e conferir a posição econômica de populações imersas em redes calcadas em relações tradicionais, pouco tocadas pelas influências da monetarização, da institucionalidade e por normas impostas pelo mercado moderno.

Refletindo contextos em tudo dessemelhantes do mercado formal, as tentativas em aferir, interpretar e monetizar a economia informal com base em parâmetros do circuito institucional da economia tendem ao fracasso, oferecendo no geral retratos parciais e/ou deformados da realidade africana.

Esta advertência pode ser conferida de modo cabal no tocante aos levantamentos da produção de alimentos. Comumente, nota-se que as estatísticas são refratárias às

formas de labor agropecuário cuja territorialidade pouco ou nada tem a ver com os modelos propostos pela economia ocidental.

Caso verdadeiramente emblemático, a moderna Adis Abeba, capital da Etiópia, é conhecida, por exemplo, por sediar o maior *rebanho urbano* do mundo. Com a maior naturalidade, os cidadãos desta metrópole mantêm galinheiros nos quintais das residências e sempre que possível, cuidam de animais estabulados de maior porte.

Esta “pecuária doméstica”, acompanhada do plantio de árvores frutíferas e hortas de verduras e legumes, constitui fator fundamental para a segurança alimentar dos etíopes, prática de igual modo comum em muitas outras nações do continente.

Por sua vez, em Moçambique a difusão em meio ao casario urbano das *machambas* (hortas domiciliares de produção familiar, geralmente sob titularidade feminina), em terrenos comunais ou desocupados, assegura reforço considerável ao que é posto na mesa dos nacionais, um *input* alimentar ignorado pelos prontuários econômicos clássicos (Figura 3).



FIGURA 3 - Machamba nos arredores de Maputo, capital da República de Moçambique (Fonte: Pinterest, < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 22-05-2017)

Outra nota diferenciada do continente são as provisões de proteína obtidas pela pesca artesanal, que em cidades como Dacar, Lagos, Dar-es-Salaam, Lomé, Acra, Cotonou e Bissau, abastecem uma freguesia numerosa, funcionando ao largo do marco regulador do mercado convencional (Figura 4).



FIGURA 4 - Pirogas de pesca ao final do dia de trabalho dispostas nas areias da praia de Layene, em Dacar. Acredita-se que existam 30 mil destes barcos em operação no litoral senegalês, cuja atividade, é vital para o setor pesqueiro do Senegal, respondendo por 37% das capturas de peixe para abastecimento local (Fonte: < <http://www.travelwithallsenses.com/fishermen-of-yoff/> >. Acesso: 27-07-2017)

Complementando, temos cultivares da agricultura tradicional que são invisíveis ao olhar acadêmico estrangeiro. Muitos tipos de frutas, legumes e cereais sequer estão indexados às planilhas dos pesquisadores, embasadas que estão num conhecimento geoeconômico eurocentrado.

Este é o caso do *teff* na África Oriental. Trata-se de um tipo de cereal nativo desta região, que imemorialmente é a base da alimentação de grande parte dos abissínios, sendo também muito difundido na Eritreia, Somália e Djibuti (Figura 5).



FIGURA 5 - Colheita do *teff* no planalto abissínio. Acredita-se que este cereal tenha sido domesticado no longínquo VIII Milênio a.C., ocupando desde então uma prestigiada posição na agricultura da Etiópia. Estima-se que nos dias que correm, aproximadamente quarta parte da produção cerealífera deste país esteja representada pelo *teff* (Fonte: < <https://firstperson.oxfamamerica.org/2014/07/ethiopias-teff-giant-new-potential-tiny-ancient-grain/> >. Acesso: 28-07-2017)

Atualmente, é tido como o cereal do futuro: cresce em solos pobres, é nutritivo e solicita pouca água. Todavia, poderíamos indagar: qual é o manual de economia, e mesmo de agronomia, que ao menos menciona o *teff*?

E acaso existam dificuldades para responder esta pergunta, pode-se, por outro lado, fazer uma contrapartida na afirmação de que este cereal é solenemente ignorado pelas planilhas institucionais.

O pior é saber que não apenas itens culinários isolados, mas sim polos de diversidade biológica e centros tradicionais de dispersão de espécies domesticadas permanecem anônimos às pesquisas e ao saber sistematizado ocidental.

No mais, como premissa geral, repetidamente as análises da economia africana tem se apegado com determinação impagável à omissão e desqualificação dos préstimos da informalidade, desprezando sua importância, sua capacidade de resiliência e o leque de benefícios que promove.

Portanto, seria conveniente ponderar que compreender a economia africana requer observá-la na sua especificidade, pontuando fatores altamente positivos como a criatividade e empreendedorismo, que acatam lógicas não lineares e inventivas práticas de sobrevivência, pilares de uma organização econômica que os indicadores macroeconômicos teimam em desconsiderar.

Conforme já registrado, faria sentido insistir o quanto os discursos institucionalizados se mantêm cegos na análise de realidades que no exercício da sua personalidade, borram objeções de fundo economicista e tecnocrático.

Tem uma palavra aqui a obstinada capacidade dos africanos em reinventarem a economia e suas possibilidades. É o que justifica a força dos arranjos tecidos pela economia informal, esteio de vida para milhões de trabalhadores, que de outra forma, estariam despossuídos de cidadania econômica.

Como se sabe nas duas últimas décadas a África demonstrou predisposição em borrar prognósticos afro-pessimistas, cuja nota predominante tem sido a obsessão apaixonada em frisar mazelas, distúrbios e previsões apocalípticas, adereçadas com um cardápio midiático regurgitante de epidemias, conflitos, guerras e estagnação.

Todavia, a disposição dos povos africanos é trilhar caminho oposto, impregnado de promessas e esperanças. É assim que o dia a dia colocou seguidamente em cheque as visões que desacreditavam a África.

Hoje, relatórios de organismos internacionais informam que o continente crescerá a taxas médias anuais de 7% nos próximos vinte anos, escalada predestinada a superar a China, país prócer do crescimento acelerado.

Esta afirmação está distante de constituir um exercício precário de futurismo. Basta consultar as estatísticas: no decênio 2001-2010, Angola manteve-se no topo do *ranking* econômico global: 11,1% anuais em média, índice superior ao da China.

Para arrematar, em 2011, terça parte do continente cresceu 6%; Moçambique, Gana, Nigéria, Ruanda e Etiópia cresceram 7%; no mundo, entre 2011 e 2015, sete países africanos figuraram na lista dos dez com maior destaque econômico global: Etiópia, Moçambique, Tanzânia, Congo, Gana, Zâmbia e Nigéria.

Crescendo com base em taxas indiscutivelmente alvissareiras, a África está deixando para trás o continente asiático, rivalizando com uma porção do globo onde se localizam economias dinâmicas e/ou emergentes como China, Tailândia, Malásia,

Qatar, Israel, Singapura, Japão, Vietnã, Índia, Formosa, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Turquia, Indonésia e Coreia do Sul (Figura 6).

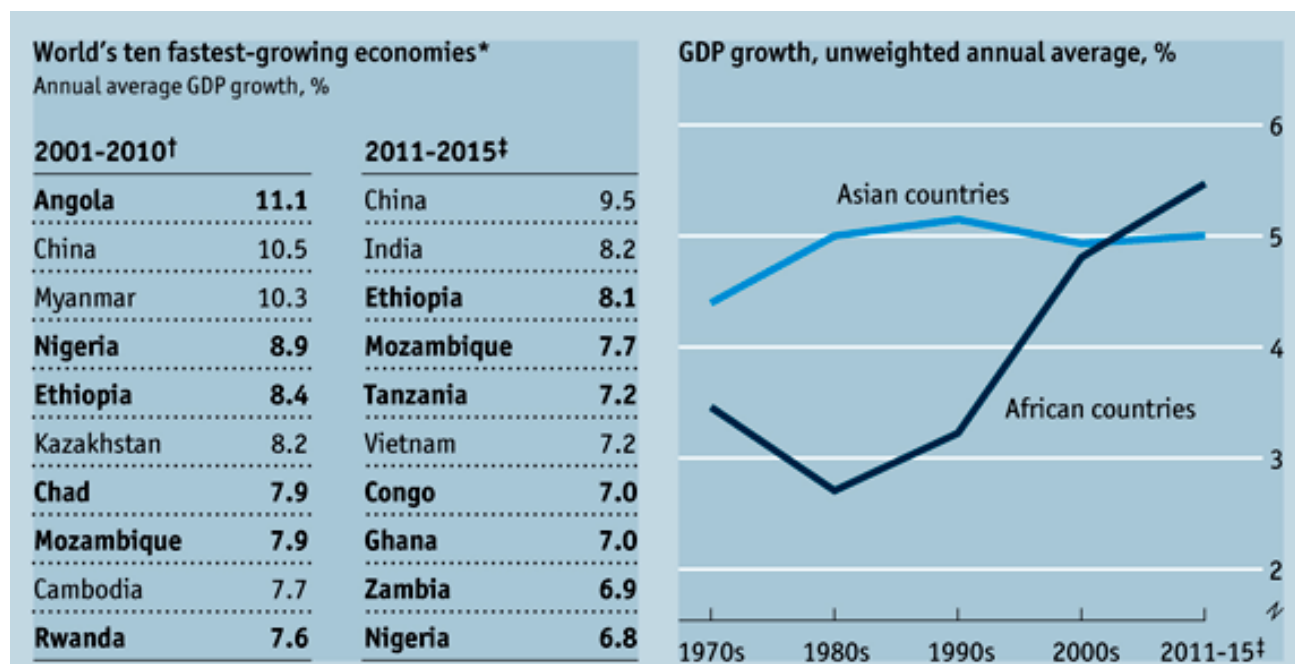


FIGURA 6 - Números não mentem jamais. Os levantamentos evidenciam a aceleração do crescimento econômico africano. Na planilha à esquerda, note-se a presença cada vez maior de países africanos no *ranking* dos que mais expandem suas economias no mundo. No gráfico à direita, note-se a curva de crescimento do Produto Nacional Bruto dos países africanos na comparação com a Ásia (Fonte: Fundo Monetário Internacional e The Economist, in *Sorry, But Africa's Rise is Real*. Isto é: Desculpem, Mas o Crescimento Africano é Real: < <https://solomonappiah.com/tag/growth/> >. Acesso: 28-07-2017)

Paralelamente, existem pistas que permitem entender que o novo alento que atíça a economia continental não é privilégio de seletos grupo de nações como a África do Sul, Angola e Gana.

No que constitui exemplo das potencialidades africanas, cinco países com notável expansão econômica - Ruanda, Serra Leoa, Etiópia, Moçambique e Mali - foram atormentados em passado recente por graves conflagrações políticas internas.

Tais índices e predicados constituem desdobramento direto da estabilidade política e da paz, que hoje vigora majoritariamente no continente. Ao mesmo tempo, a implementação de reformas favoreceu a decolagem econômica, respaldando uma corrente de otimismo que na atualidade percorre todo o continente.

No mais, seria indispensável arrematar o quanto a expansão acelerada da economia continental - ainda que não carecendo de contradições - conta o respaldo de uma

entidade, a economia informal, que embora pouco valorizada e frequentemente ignorada, é uma poderosa escora do empreendedorismo, pressuposto quase sempre marginalizado pelas escolas econômicas do Hemisfério Norte.

Que se interponha então o salutar convite a uma reflexão objetiva, fundamentada no reconhecimento da personalidade econômica singular da África, da sua tipicidade e potencialidade, esteios da crescente projeção do continente e dos seus povos.

De uma economia que persevera em avançar, tal como um trem na noite, de acordo com suas próprias regras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ilídio do. *Importância do Sector Informal da Economia Urbana em Países da África Subsariana*. In revista Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia, XI, nº. 79, pp. 53-72. Lisboa (Portugal): Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). 2005;

BALANDIER, Georges. *As Dinâmicas Sociais: Sentido e Poder*. São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1976;

_____. *África Ambigua*. Buenos Aires: Sur. 1964;

FRED Ezech. *Recognizing the place of informal sector workers*. Artigo eletrônico disponibilizado na Home-Page Nigerian Pilot, Novembro de 2015. Texto disponível *on line* em:

< <http://nigerianpilot.com/recognizing-the-place-of-informal-sector-workers/> >. Acesso em 4-06-2016. 2015;

JAMES, W. Martin. *Historical Dictionary of Angola*. 2ª. edição. Lanham, Maryland (EUA): Scarecrow Press. 2011;

ONWE, Onyemaechi Joseph. *Role of the Informal Sector in Development of the Nigerian Economy: Output and Employment Approach*. In: Journal of Economics and Development Studies, 1 (1), June 2013, pp. 60-74. Nova York (EUA): American Research Institute for Policy Development. 2013;

MBENGE, Youssoupha. *Panafricanisme et Fondements Théoriques de la Dynamique Integrationniste Africaine*. Panafricanism & African Renaissance - 21th African Union Summit, 19-27 May, 2013, pp. 25-27. In Au Echo: The Africa We Want, Special Issue for the 50th Anniversary of the OAU-AU, 1963-2013. Adis Abeba (Etiópia): União Africana. 2013;

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *África no Sistema Internacional*. Texto apresentado em Conferência no I Curso para Diplomatas Africanos no Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI). Rio de Janeiro (RJ), 05 a 30 de Junho de 2010. 2010;

MUNANGA, Kabengele. *Cultura, Identidade e Estado Nacional no Contexto dos Países Africanos*. In: A Dimensão Atlântica da África (Coletânea da II Reunião Internacional

de História da África), pp. 297-300. São Paulo (SP): CEA-USP/SDG-Marinha/CAPES. 1997;

ROBERTSON, Charles et MORAN, Michael. *Sorry, but Africa's Rise Is Real - Africa growth skeptics have got it wrong. The continent's rise is very real*. Artigo disponibilizado na Home-Page de *Foreign Policy*, edição de 11-01-2013. Washington (DC): Estados Unidos. Material disponível *on line* em: < <https://foreignpolicy.com/2013/01/11/sorry-but-africas-rise-is-real/> >. Acesso em: 24-10-2016. 2013;

VERGER, Pierre et BASTIDE, Roger. *Contribuição ao Estudo dos Mercados Nativos do Baixo Benin*. In: Artigos, Tomo I, Pierre Verger (Organização), Série Baianada, nº. 9. São Paulo (SP): Editora Corrupio. 1992;

WALDMAN, Maurício. *O Papel de Angola na África Centro-Meridional: Recursos Hídricos, Cooperação Regional e Dinâmicas Socioambientais*. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado. São Paulo (SP) e Brasília (DF): Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) / Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq). 2014;

_____. *Blocos Regionais Africanos: Compilação Estatística Essencial, Ano-base 2010*. Levantamento técnico de subsídio para a investigação *O Papel de Angola na África Centro-Meridional: Recursos Hídricos, Cooperação Regional e Dinâmicas Socioambientais* (Pesquisa de Pós-Doutorado FFLCH-USP com financiamento FAPESP). Documento divulgado preliminarmente junto ao XVIII Curso de Difusão Cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP), Abril de 2013. Material incorporado à Série Professor Mourão Nº. 4. São Paulo (SP): Editora Kotev, 2018. Disponível *on line* em: < http://www.mw.pro.br/mw/serie_professor_mourao_04.pdf >. 2013;

_____. *Novos Rumos da Economia Africana*. Revista Brasil Angola Magazine, nº. 5, Junho-Julho de 2012, pp. 22-23. São Paulo (SP). Texto disponível *on line*: < http://www.mw.pro.br/mw/novos_rumos_economia_africana.pdf >. Acesso em: 27-10-2014. 2012;

_____. *África Presente, África em Movimento*. Revista Brasil Angola Magazine, nº. 5, Junho-Julho de 2012, pp. 11-12. São Paulo (SP). Texto disponível *on line*: < http://www.mw.pro.br/mw/mw_Rio20_africa_presente.pdf >. Acesso em: 11-03-2014. 2012.

¹ **Repensando a Economia Africana** é um artigo digital elaborado com base em dados amalhados durante a investigação desenvolvida durante o segundo Pós-Doutorado do autor. Foi primeiramente disponibilizado na Internet pelo serviço de comunicação da Cortez Editora em 25 de Maio de 2015. A presente edição deste texto foi masterizada em Julho de 2017 pela **Editora Kotev (Kotev ©)**, para fins de acesso livre na Internet. Esta edição, levemente revisada e ampliada, inclui seis novas imagens e notas bibliográficas de referência. Também incorpora as regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. A confecção desta edição contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e de Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Site: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que **Repensando a Economia Africana** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da Editora Kotev. As citações de **Repensando a Economia Africana** devem obrigatoriamente incorporar referências ao autor e ao texto conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Repensando a Economia Africana*. Série Africanidades Nº. 4. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, editor, jornalista, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-

USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

³ Ateste-se que em 1972 o conceito foi endossado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

SAIBA MAIS SOBRE A ECONOMIA AFRICANA

MAURÍCIO WALDMAN



NOVOS RUMOS DA ECONOMIA AFRICANA



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 14**

http://mw.pro.br/mw/africanidades_14.pdf

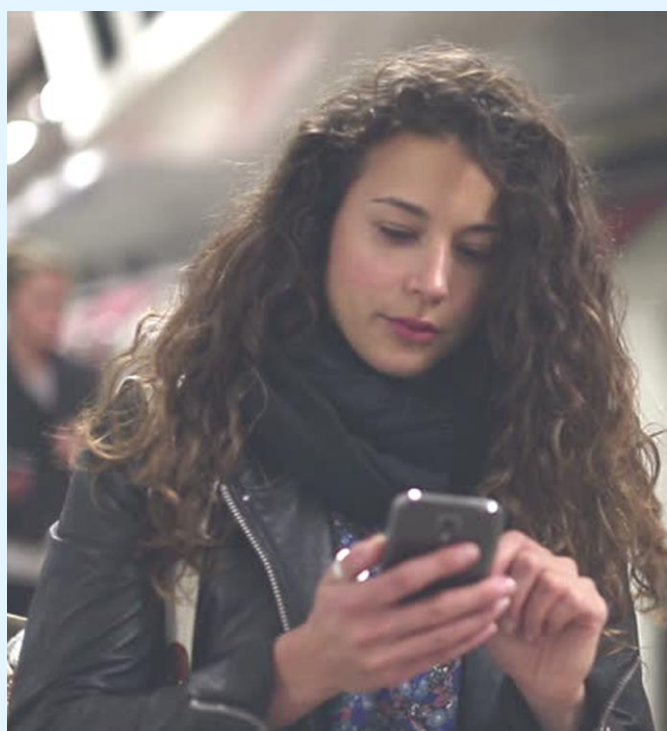
[illegible]

http://mw.pro.br/mw/africanidades_20.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV

Sintonizada com
o Futuro Digital

EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br